

EUA garantem ajuda para Brasil

resolver problemas financeiros

06 OUT 1982

Economia

A. M. PIMENTA NEVES
Especial para O ESTADO

WASHINGTON — O secretário do Tesouro norte-americano, Donald Regan, disse, ontem, que os Estados Unidos estão tentando ajudar o Brasil a resolver seus problemas econômico-financeiros nos próximos meses. "Acho que o Brasil conseguirá superá-los — afirmou —, mas isso vai exigir algum aperto de cinto, no momento."

Numa entrevista a correspondentes estrangeiros, em Washington, Regan afirmou que o Tesouro está mantendo contatos com os representantes dos bancos privados a respeito da situação do Brasil e de outros países, mas não pode determinar o que essas instituições farão. "Os bancos são privados e têm liberdade de escolha. Podem ignorar nosso conselho ou segui-lo", disse o secretário do Tesouro.

Quanto à reação inicial dos banqueiros diante desses contatos, Regan afirmou que "ficam satisfeitos em obter as informações" que o governo tem. "A despeito do que se afirma — acrescentou — não há informação suficiente sobre a situação real. Quanto mais informação houver, tanto mais luz se lançará sobre o problema e melhor o resultado, do ponto de vista do setor privado."

FMI

Regan não quis prever se o Brasil pedirá ou não empréstimos ao Fundo Monetário Internacional. Mas, depois de suas conversas com o ministro Ernan Galvão (provavelmente em Toronto) e de ter lido o discurso do presidente João Figueiredo feito nas Nações Unidas, "sabe que o Brasil tem perfeito conhecimento de seus problemas". Na sua opinião, "o Brasil espera ser diferenciado dos demais países latino-americanos que no momento enfrentam dificuldades econômicas, e acha que conseguirá superar seus problemas

se de fato obtiver tratamento diferenciado dos banqueiros mundiais".

Segundo o secretário do Tesouro, os bancos, particularmente os regionais, têm dificultado, nos últimos meses a concessão de recursos adicionais a algumas nações latino-americanas, "por causa do noticiário mundial adverso e do que isso significa para os acionistas (desses bancos) e analistas do mercado". A seu ver, esse é um problema difícil para todo mundo, mas assegurou que os Estados Unidos estão trabalhando "intimamente" com o Ministério da Fazenda brasileiro, para ajudar o País a resolver esses problemas nos próximos meses.

ALERTA

Sobre a suposta disposição do Brasil de não aceitar o estrito receituário do FMI, Regan disse que se trata de uma questão puramente voluntária. "Mas, por outro lado, se você não aceita o programa, não recebe o dinheiro", alertou, acrescentando que "o FMI não deseja que um país mine sua estrutura social a fim de realizar algo na área econômico-financeira, mas, apesar disso, insiste que os empréstimos não podem ser feitos sem alguma condicionalidade. O que se discute, aqui, é o grau de condicionalidade.

Nunca dissermos que eles (o FMI) deveriam propor um programa realmente duro para o Brasil ou um programa suave para o Brasil. Tudo que sugerimos é que o país aceite algumas condições".

Regan disse que o discurso do presidente Figueiredo, na abertura dos debates nas Nações Unidas, continha muitos pontos positivos. Embora não concorde com algumas das suas declarações, afirmou ter compreendido até onde o presidente queria chegar. Afinal, comentou, o Brasil está em processo de mudança de uma sociedade agrícola para uma sociedade industrial, e

exatamente agora a cotação de todos os seus produtos agrícolas tem caído no mercado internacional. Para Regan, isso é "uma infelicidade".

Falando sobre o México, o secretário do Tesouro informou que o governo norte-americano continua esforçando-se para auxiliar o país e, com esse objetivo, também tem mantido contato com os bancos privados internacionais. Entretanto, o principal ponto da questão mexicana se refere agora, segundo o secretário do Tesouro, à possibilidade de o país acertar um programa de estabilização com o Fundo Monetário Internacional.

Regan, que se opôs ao empréstimo do FMI à Índia, no ano passado, explicou, ontem, as razões dessa atitude. Disse que, ao contrário do México, a Índia não estava insolvente, embora houvesse esgotado suas divisas. O que a Índia desejava era obter recursos para um programa de expansão. Assim, poderia não sobrar dinheiro para as nações que estivessem realmente falidas. Quando a Índia resolveu aceitar alguma forma de ajustamento e o FMI aprovou o programa do país, as objeções norte-americanas cessaram, observou Regan.

Ao contrário do que fez em Toronto, Regan não quis arriscar uma projeção sobre o comportamento da economia norte-americana no próximo ano. Disse, apenas, que 1983 será razoavelmente bom. Apesar dos altos níveis de desemprego, esclareceu que o governo não pretende modificar seus programas. "É o setor privado que dá empregos, não o governo", lembrou.

A uma pergunta sobre porque o dólar continua subindo no mercado internacional, Regan simplesmente respondeu: "Porque há mais compradores do que vendedores". Depois, "falando sério", acrescentou que os Estados Unidos contiveram sua inflação antes de outras nações.